

O USO SUBJETIVO DAS FORMAÇÕES *x-INHO*: UMA ABORDAGEM BASEADA NA LINGÜÍSTICA DE *CORPUS*

Marcos Antônio Gonçalves (UERJ)

RESUMO: As formações em *-inho* na Língua Portuguesa têm, na maioria das vezes, em seu escopo de análise, uma noção dimensiva que, entretanto, não inclui, principalmente em gramáticas descritivas, os fatores extralingüísticos e contextuais nos quais os falantes estão inseridos. Sob essa perspectiva, tem-se no presente trabalho, o objetivo de investigar a produtividade das formações *x-inho* sob quatro possibilidades de uso: (a) dimensão pura; (b) afetividade; (c) pejoratividade e (d) intensificação. Atenta-se para as formações em *-inho* em um *corpus* oral eletrônico, subdividido em dois Modos de Organização do Discurso, o Narrativo e o Descritivo (c.f. Charaudeau, 1992), buscando verificar os fatores mais relevantes que condicionam tais produções e identificar quais das possibilidades de uso, conforme citado acima, são mais produtivas em relação a cada modo de organização. A metodologia de nossa análise está centrada na área de investigação lingüística denominada Lingüística de *Corpus*, que servirá de base para que os dados colhidos sejam analisados e interpretados.

1) Introdução

A proposta deste trabalho é desenvolver um estudo sobre as formações *x-inho*, características dos diminutivos da Língua Portuguesa, em que *x* representa qualquer base compatível aos elementos mórficos *-inho* e *-zinho*, considerados, neste trabalho, semanticamente equivalentes.

A motivação inicial desta pesquisa adveio da percepção de que estas formações não assinalam apenas o grau diminutivo sintético dos substantivos e nem somente a emotividade, quer positiva

ou pejorativa. Em sua função central de indicar uma dimensão menor ou maior daquilo que é considerado como padrão normal, tanto o diminutivo quanto o aumentativo podem também expressar a atitude subjetiva do falante em relação ao objeto por ele dimensionado. A amplitude de uso das formações *x-inho* determina uma dificuldade também de sua análise teórica, visto que essas formações atendem a determinadas necessidades comunicativas dentro de contextos individuais.

A partir dessa perspectiva, este artigo levanta a frequência e distribuição das formações *x-inho* através da investigação do *corpus* do Projeto Discurso & Gramática, de natureza oral. Para tanto o trabalho transforma esse corpus em dois corpora eletrônicos, contemplando os Modos de Organização (Narrativo e Descritivo), segundo a classificação de Charaudeau (1992), para analisá-lo baseado em noções importantes da área da lingüística, conhecida como Lingüística de *Corpus* (Biber et al., 1998; Sinclair, 1991; Berber Sardinha, 2004). Em suma, o trabalho procura:

- (a) investigar o repertório de ocorrências da formação *x-inho* e sua distribuição nos Modos de Organização Narrativo e Descritivo.
- (b) mapear os índices de ocorrências: pejorativo, afetivo, intensificador, valor semântico de algo pequeno e sua distribuição por modo.

Inicialmente, o artigo discutirá a formação *x-inho*, analisando a pertinência de se tratar diferentes casos sob o rótulo “diminutivo”. A partir de uma definição mais precisa desta formação, passaremos ao estudo da situação de produtividade da mesma através da investigação dos dois *corpora*.

2) Referencial teórico

Nesta seção trataremos das questões do sufixo *x-inho* sob uma visão tradicional, passando, seqüencialmente, a algumas no-

ções teóricas que embasam a Lingüística de *Corpus* e aos critérios de classificação dos Modos de Organização do Discurso, segundo Charaudeau (1992).

2.1) O sufixo *-inho*

2.1.1) Aspectos morfológicos

Os afixos de grau – em especial o *-inho* – aplicam-se praticamente a qualquer palavra da língua, não reconhecendo exceções. De acordo com Loures (2000), o sufixo *-inho* pode ser empregado a vários tipos de bases, entre elas as pronominais (cf. *euzinho, elazinha*), as verbais (cf. *estouzinho, dormindinho*), as adverbiais (cf. *adeusinho*, até *loguinho, tchauzinho*) e as adjetivas (cf. *mensalinho*). Diz Loures que tal produtividade está associada a valores afetivos.

Em linhas gerais, a modalização apreciativa pode aparecer associada às formas em *-ão/-aço*, enquanto a depreciativa tende a se veicular às formas diminutivas. Segundo Loures (2000), no entanto, os sufixos diminutivos, que têm como função principal a afetiva, podem expressar igualmente aspectos positivos (cf. *pedacinho, nenenzinho*) ou negativos (cf. *empregadinha, profissãozinha*).

O sufixo *-inho* tem uma característica interessante de permitir uma convivência harmoniosa com o sufixo aumentativo em uma só unidade lexical. Em *calçãozinho, cartãozinho, portãozinho*, não há restrição alguma quanto à presença de dois diferentes tipos de sufixos. A confirmação reside no fato de que sufixos com a mesma função e de semântica contrária podem se combinar sem problemas. Esse convívio é muito comum nesses casos de lexicalização, mas nada impede que aconteça também em itens não-lexicalizados (cf. *pequeninho, menininhazinha*).

Outra característica interessante dos afixos de grau, segundo Sandmann (1989) é que esses afixos podem criar lexicalização, ou seja, os afixos de grau podem apresentar-se desprovidos semanticamente da função original do grau, idiomatizando ou trans-

formando as formas que os contêm. Em outras palavras o que normalmente é empregado para atribuir diminuição ou aumento, passa a caracterizar itens de sentido específico. É o que acontece com palavras do tipo *orelhão* e *camisinha*, entre outras, que possuem referentes diferenciados em relação à semântica da base. São numerosos os exemplos de itens lexicais do português que apresentam morfema de grau, aumentativo ou diminutivo, esvaziado de sua função essencial de indicar tamanho grande ou pequeno, a saber, *calção, facção, portão, calcinha, caminho, armariinho, camisola, camiseta*. A prova mais simples de que são formações não transparentes, isto é, lexicalizadas, é que em geral aceitam o sufixo de semântica contrária: *calçãozinho, facçãozinho, portãozinho, caminhozinho, armarinhozinho, camisolão* e até sufixo de mesma função de grau: *portãozão, facçãozão, camisolinha, camisetinha*. Aqui se incluem também formações como *doisinho* e *umazinha*, que, além de lexicalização semântica – pois apresentam referentes diferentes dos significados das bases – sofrem também a categorial, já que formam substantivos a partir de uma base numeral.

Entretanto, a expressão do grau, normalmente, não é responsável por mudanças de categoria lexical. O acréscimo de um sufixo de grau não vai alterar a categoria lexical da base. Isso significa dizer que a expressão do grau não apresenta função sintática, característica observada nos processo flexionais. Os únicos casos excepcionais são os itens *doisinho* e *umazinha*, que têm suas categorias modificadas, porém em função de dois tipos de lexicalização sofridas por eles – a categorial e a semântica. Nesses dois exemplos, um numeral passa a substantivo com o acréscimo de *-inho*.

2.1.2) Aspectos estilísticos

Em relação à semântica dos afixos de grau, verifica-se que os sufixos de grau podem ter significados variados, dependendo diretamente do ponto de vista do enunciador, visto que expres-

sam emoção. Segundo Rocha (1994: 17) “o grau diminutivo é uma categoria morfológica que expressa relação de dimensão, intensidade ou afetividade, que se estabelece entre o termo base e a respectiva forma derivada”. Em outras palavras, a idéia expressa pelos afixos de grau, especialmente os diminutivos em nosso caso, dependem do contexto. Isto autoriza dizer que a construção morfológica, por si só, não é suficiente para determinar o tipo de informação contida.

2.1.3) Os traços afetivo e pejorativo

Se o grau pode indicar maior ou menor intensidade conferida a uma palavra, no caso específico dos nomes acrescenta-se a possibilidade de demonstrar desprezo como em *narigão* (um nariz feio de tão grande) ou afetividade *mãezinha* querida, em vez de *mãe querida*

No primeiro caso, isto é, quando pretendemos indicar desprezo, dizemos que o termo é *depreciativo* ou *pejorativo*; no segundo, quando a intenção é a de expressar carinho, dizemos que o termo é *afetivo*. Seria justificável, no entanto, tratar a expressão quantitativa pura, simples e o valor emotivo de derivados com esses sufixos como um mesmo fenômeno identificável pelo rótulo de grau? Poder-se-ia falar em relação de quantidade nos exemplos considerados pejorativos ou afetivos? Veremos abaixo que a expressão de quantidade é uma categoria distinta da expressão de afeto, seja ele positivo ou negativo.

2.2) Lingüística de *Corpus*

Conforme Berber Sardinha (2004), a tradição de observarmos os fenômenos lingüísticos a partir da compilação de dados empíricos de linguagem remonta há muitos anos e, dentre os vários exemplos, podemos citar o trabalho de Kading que, em 1897, utilizando um *corpus* de alemão contendo 11 milhões de palavras,

verificou manualmente a frequência da distribuição e a seqüência das letras dessas palavras. No final dos anos 50, entretanto, com o lançamento de *Syntactic Structures*, Chomsky prepara a lingüística para um novo paradigma onde a intuição do falante nativo é suficiente para a análise da linguagem, não sendo necessário coletar dados de outros falantes. O impacto causado pela onda Chomskyana e sua premissa de desvinculação entre a análise lingüística e a observação de dados empíricos, obscureceu o lançamento do primeiro *corpus* eletrônico de linguagem escrita do mundo, o *corpus* de Brown.

Ainda conforme Berber Sardinha, com o advento dos computadores de grande porte nos anos 60 e a invenção dos computadores pessoais nos anos 80, foi aumentada a capacidade dessas máquinas de analisar e armazenar *corpora* maiores e de executar tarefas cada vez mais complexas. Conseqüentemente diminuíram as possibilidades de erros na verificação dos dados e reacendeu-se a visão empirista da linguagem, dando origem ao que conhecemos modernamente como Lingüística de *Corpus*. Pode-se dizer, portanto, que o desenvolvimento dos computadores e Lingüística de *Corpus* estão intimamente ligados.

A Lingüística de *Corpus*¹ é uma área que estuda a linguagem por meio de grandes quantidades de dados empíricos, mediante o uso de computador. Convém destacar, entretanto, o que se considera observação empírica. Um contraste entre empirismo e racionalismo pode melhor esclarecer o conceito. Enquanto racionalismo baseia-se em todos comportamentos artificiais e em julgamentos introspectivos, assim como em afirmações teóricas baseadas em reflexões sobre a fala emitidas pelo próprio pesquisador, o empirismo enfoca a observação de dados naturalmente ocorrentes. Assim, a abordagem empírica serve de base para a Lingüística de *Corpus*, uma vez que a própria palavra *corpus*, nesse contexto, significa coleção de textos que ocorrem naturalmente.

Assim, para os estudiosos desse ramo da Lingüística, *corpus* não é simplesmente uma coleção de textos usado como base para

se desenvolver uma pesquisa de análise ou descrição lingüística. Berber Sardinha (2004: 18) cita a definição de “*corpus*”, feita por Sánches (1995: 8-9) como a mais completa:

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos) sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Vários *corpora* têm sido coletados com diferentes propósitos, representatividades e formatos. Dentre os diferentes tipos de *corpora*, destacam-se o *corpus* geral e o especializado. Um *corpus* geral é uma coletânea de textos utilizada para explorar a linguagem e é também usado como base para respostas a perguntas específicas sobre vocabulário, gramática ou estrutura do discurso de uma língua como um todo. Deve, portanto, conter textos de diferentes gêneros e domínios, incluindo textos falados e escritos, particulares ou públicos (Kennedy, 1998: 20).

Já um *corpus* especializado é desenvolvido para atender às necessidades específicas de um trabalho de pesquisa em particular, de acordo com seus objetivos, como por exemplo uma coletânea de textos contendo os diversos pronunciamentos feitos na Câmara de Deputados, durante os período da ditadura, compilada com o intuito de se verificar a variedade lexical, gramatical e temática mais utilizada por esse gênero e durante esse período. Assim, estão definidos pelo *corpus* especializado os seguintes itens: a população estudada, os objetivos de pesquisa, o gênero ou gêneros contido no *corpus*, como também a especificação de seu período de coleta.

Tendo definido *a priori* que tipo de *corpus* estudar (geral ou especializado), uma das inúmeras funções da Lingüística de *Corpus*

é verificar com que frequência e distribuição ocorrem itens lexicais ou estruturas gramaticais, que possam vir a caracterizar esse mesmo *corpus*.

2.3) Os Modos de Organização do Discurso

Nesta subseção, convém fazer uma abordagem teórica sobre o que nos referimos anteriormente como Modos de Organização Narrativo e Descritivo sob a visão de Charaudeau (1992), pois o escopo de análise de nosso *corpus* contempla essas noções e porque o mesmo foi compilado com essas diferenças em tela.

Compreendendo a prática discursiva como uma atividade que lança mão de determinados procedimentos a fim de cumprir finalidades comunicativas, Charaudeau (1992) vê reunidos esses procedimentos (estratégias) em quatro modos: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo. Cada um destes modos tem uma função de base, que é a finalidade discursiva do locutor (enunciar, descrever, narrar e argumentar) e um princípio de organização. Essa classificação encontra respaldo também em outros autores, porém com adaptações de nomenclatura. Oliveira (2003), adaptando a classificação de Charaudeau (1992) propõe a denominação *modos de organização do texto*, porém acrescentando os modos expositivo e injuntivo². É importante também mencionar a tipologia de Werlich (1975), que adota a seguinte classificação: narração, descrição, dissertação argumentativa, dissertação expositiva e o texto injuntivo. Essa classificação influenciou muitos autores como Fávero e Koch (1987), Torreira (1993), Marcuschi (2002) e Adam (1987).

Marcuschi (2002: 19-36), dá a denominação *tipos de texto* ao que Charaudeau chama de *modos de organização do discurso*, acrescentando também outros dois modos: expositivo e injuntivo. Adam (1987), por sua vez, propõe um método de análise que consiste em dividir o texto em “seqüências” cada uma das quais enquadrada num *modo de organização do discurso*, embora sem

empregar esse termo, que pertence à terminologia de análise semiolinguística³ de Charaudeau (1992).

Um aspecto característico dessa semiolinguística é a relevância do texto⁴ na consideração do discurso⁵ com o qual não deve ser confundido, já que um mesmo tipo de texto (jornalístico, literário, publicitário etc.) pode resultar de um ou vários modos de organização do discurso e do emprego de várias categorias da língua. Diz Charaudeau que discurso está condenado à ligação com o texto e vice-versa e que a materialidade do texto (verbal, icônica, gestual) é a expressão da encenação do ato da comunicação. “Um texto é o resultado de um ato de linguagem produzido por um sujeito numa situação de troca social contratual” (Charaudeau, 1997: 85). Cada texto tem especificidades próprias à instância de realização do discurso. Daí existir uma variedade de tipos de texto. Cada um se mostra com um modo dominante, ou com a combinação dos quatro modos.

Como nosso *corpus* de análise contempla os modos narrativo e descritivo, convém-nos dar apenas uma visão geral das características desses dois modos, excluindo-se, portanto, o enunciativo e o argumentativo, por não fazerem parte, no momento, de nossa análise.

2.3.1) Modo de organização descritivo e narrativo

A preocupação em situar a aplicação dos construtos de seu modelo no domínio escolar é uma constante em Charaudeau, que considera um problema a confusão que, na escola, se faz entre descrever e contar. Qual é, portanto, a diferença entre narrar e descrever, já que podemos descrever ações realizadas?

Evidentemente existem, nesse problema, que não é novo, dois aspectos a considerar: a finalidade e o modo de organização. Num texto, por exemplo, cuja finalidade é informar podem-se encontrar trechos descritivos ou narrativos. Portanto, a situação de comunicação e as diversas ordens de organização do discurso

são aspectos dos quais depende um texto. Numa receita de cozinha, por exemplo, reconhece-se que há descrição de uma seqüência de ações (fazer, embeber, pegar), ou uma seqüência de atos enunciativos (faça, embeba, pegue).

Por último, há o problema da relação língua/texto. Charaudeau (1992: 565) pergunta se existe um relação de continuidade entre as categorias da língua e as características discursivas de um texto e se apenas a acumulação, num texto, das marcas de uma categoria permite determinar um certo modo de discurso. De fato, constatamos que certas categorias freqüentam mais um modo discursivo que outro, como por exemplo, os tempos verbais do perfeito e/ou imperfeito que servem para marcar o narrativo.

Para Charaudeau, o Modo de Organização Descritivo é a expressão escolhida para nomear o processo discursivo distinto da descrição, que é um resultado ou o texto, onde se podem combinar os processos argumentativos, descritivos, narrativos. Para ele, descrever dá vida aos seres, nomeando-os, localizando-os e atribuindo-lhes qualidades. Desse modo, o narrativo ganha sentido e o argumentativo é auxiliado pelo processo descritivo, que se constrói pelos atos de nomear, localizar, situar e qualificar.

Com relação ao discurso narrativo, são muitas as correntes teóricas que se ocupam dele. Fala-se em narrativa, história, discurso, narração e narrado, registros de discurso, modalidades, etc, termos que podem variar de significação em função do ponto de vista teórico em que se inserem.

Para que haja narrativa, são necessários um narrador dotado de intencionalidade, isto é, de um querer transmitir alguma coisa (uma determinada representação da experiência do mundo) a um destinatário, ambos inseridos num contexto. Narrar é, portanto, uma atividade lingüística desenvolvida em meio a um certo número de tensões e mesmo de contradições.

A narrativa é uma totalidade; o narrativo, um de seus componentes. Como a narrativa corresponde à finalidade do que "é

narrar”, descreve simultaneamente ações e qualificações, daí englobar o modo narrativo e o modo descritivo.

Descritivo e narrativo se distinguem pelo tipo de visão do mundo que constroem, bem como pelo papel que desempenha o sujeito que narra ou descreve. O descritivo revela um mundo de existência imutável, que necessita apenas ser reconhecido e mostrado, daí se dizer que organiza o mundo de maneira taxionômica (classificação dos seres do universo), descontínua (sem elos necessário entre si, nem de propriedades entre eles) e aberta (sem início nem fim necessários). O narrativo, ao contrário, faz descobrir um mundo a ser construído no desenvolvimento da sucessão de ações interdependentes, que se transformam num encadeamento progressivo; organiza, portanto, o mundo de maneira sucessiva e contínua, dentro de uma lógica cuja coerência é marcada pelo próprio fechamento (começo/fim).

O Modo de Organização Narrativo se caracteriza por uma dupla articulação. Trata-se não só da construção de uma sucessão de ações segundo uma lógica, como também da organização dessas ações em universo narrado. Pode-se chamar a este segundo processo de organização da colocação em narração, a qual constrói o universo narrado propriamente dito, sob a responsabilidade de um sujeito narrador que se encontra ligado, por um contrato de comunicação⁶, ao destinatário da narrativa.

3) Metodologia

Esta seção visa a descrever os passos metodológicos empreendidos na pesquisa. Quanto ao material estudado, utilizamos um *corpus* de natureza oral, mais conveniente para o estudo de um fenômeno como a formação *x-inho* que é carregada de afetividade. O *corpus* em questão, apesar de especializado, não foi compilado originariamente para este estudo, mas foi coletado para o Projeto Discurso & Gramática⁷, da UFRJ.

O *corpus* é composto de entrevistas com adultos, grupados por nível de escolaridade, a saber: nível supletivo, nível médio e nível superior. Na compilação original, cada sujeito de cada nível de

escolaridade acima descrito, responde a perguntas que dão origem a narrativas de experiência pessoal, narrativas sobre experiências de outrem e descrições de ambientes pessoais favoritos e descrições de eventos/processos. Para a presente pesquisa, que usa como variáveis a presença da formação *x-inho* nos modos narrativo e descritivo, foram formados dois *sub-corpora*, do *corpus* principal, isto é foram compilados um *corpus* de respostas de natureza narrativa e outro *corpus* de respostas predominantemente descritivas. Ambos os *sub-corpora* foram subsequentemente salvos em arquivos txt, para poderem ser lidos pelo programa de análise textual *WordSmith Tools* (Scott, 1999).

Nosso primeiro passo foi extrair de cada *sub-corpora*, as ocorrências, frequências e distribuição da formação *x-inho*, após o que foi feito um estudo sistemático dos vários padrões de ocorrência, ou seja, foi feita uma análise manual tentando grupá-las em relação aos traços pejorativo, afetivo, diminutivo e intensificador, que porventura existissem.

Para a análise dessa padronização, foi necessária a observação dos cotextos de cada ocorrências de itens em *x-inho*, usando-se os componentes do programa como o Concordanciador e lista de Colocados. O Concordanciador fornece uma lista das ocorrências de um item específico, dispostos de tal modo que a palavra de busca (aquela que se tem interesse em investigar) aparece centralizada, e é acompanhada do seu contexto original, isto é, das palavras que ocorrem junto com ela no *corpus*.

4) Análise e interpretação

O programa extraiu dos dois corpora, todas as ocorrências da formação *x-inho*. Primeiramente foram separadas aquelas instâncias de lexicalização, tanto por modo de organização como por escolaridade. Em seguida, foram calculadas as ocorrências da formação *x-inho* por cada nível de escolaridade, entre Supletivo (Suplt), Médio (Méd) e Superior (Sup), bem com sua distribuição para o Modo Narrativo (15) e Modo Descritivo (35). Esses resultados são mostrados na Tabela 1:

| | Modos de Organização do Discurso | | | | | |
|------------------------|----------------------------------|-----|-----|------------|-----|-----|
| | NARRATIVO | | | DESCRITIVO | | |
| | Suplt | Méd | Sup | Suplt | Méd | Sup |
| Escolaridade | | | | | | |
| Formação <i>x-inho</i> | 2 | 11 | 2 | 6 | 12 | 17 |
| Item lexicalizado | | 3 | 2 | 2 | 4 | 5 |

Tabela 1: Ocorrências de *x-inho* por modo de organização e nível de escolaridade

Da análise das 50 ocorrências da formação *x-inho*, pôde-se fazer a seguinte depuração, por ocorrências e por traços, conforme Tabela 2 e por categoria gramatical, conforme Tabela 3.

| FUNÇÃO | Modos de Organização do Discurso | | | | | | | | % TOTAL |
|--------------------|----------------------------------|-----|-----|----|------------|-----|-----|-------|---------|
| | NARRATIVO | | | | DESCRITIVO | | | | |
| | Suplt | Méd | Sup | % | Suplt | Méd | Sup | % | |
| Diminutivo | - | - | - | - | 5 | 5 | 4 | 30,43 | 21,21 |
| Afetiva Positiva | - | 2 | - | 10 | 1 | 1 | | 4,36 | 6,06 |
| Afetiva Pejorativa | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Intensificador | 2 | 9 | 2 | 65 | - | 6 | 13 | 41,3 | 48,48 |
| Item lexicalizado | - | 3 | 2 | 25 | 2 | 4 | 5 | 23,91 | 24,24 |

Tabela 2: Ocorrências de *x-inho* por Modo de Organização do Discurso e função

VARIÁVEL: CATEGORIA GRAMATICAL:

| CLASSES | Modos de Organização do Discurso | | | |
|-------------|----------------------------------|-------|------------|-------|
| | NARRATIVO | | DESCRITIVO | |
| | QTD | % | QTD | % |
| Substantivo | 3 | 20 | 22 | 62,85 |
| Adjetivo | 2 | 13,33 | 5 | 14,28 |
| Advérbio | 10 | 66,66 | 8 | 22,85 |
| Pronome | - | - | - | - |

Tabela 3: Ocorrências de *x-inho* por Modo de Organização do Discurso e classe gramatical

Da análise das ocorrências, sua distribuição e de sua função, de acordo com as tabelas 2 e 3, podemos notar as seguintes características:

- a) Considerando o *corpus* como um todo, a noção intensificadora foi a mais produtiva. Em relação aos modos de organização do discurso, baseando-se no número relativo de ocorrências em cada um deles, o narrativo apresentou um índice alto de ocorrências (68,42%). Este achado pode corroborar a idéia de que ao narrar, principalmente experiências pessoais, “abrimos mão” de formalismos e regras, tornando-nos mais espontâneos, deixando mais em evidência a expressividade e a emotividade; fato esse, que contribui para o aparecimento das formações intensificadoras que dão ênfase ao fato narrado.

“isso ano passado... eu ia terminar os estudos ano passado... eu tive que interromper... fiquei super triste... porque:: era turma/ uma turma que/ super querida... todo mundo se dava bem:: e tudo... eram super amigos... e:: já vinha desde o primeiro ano todo mundo *juntinho* e tal... íamos terminar todos juntos...”

Da mesma maneira, podemos observar um número acentuado de ocorrências dessa noção no modo descritivo (42,57%). Tal fato pode ser atribuído ao tipo de descrição aos sujeitos, uma descrição de um lugar favorito. Ao descrevermos lugares favoritos, apresentamos não só características e atributos desse lugar, mas características e atributos que justifiquem nossa preferência por ele. Daí a descrição, que geralmente pode ser factual, torna-se também subjetiva, estando, por isso, passível da expressividade e emotividade de quem descreve, principalmente para intensificar aquilo que é descrito.

“... ficou com a cama de baixo... deixa eu ver... meu lençol é *azulzinho*... minha mãe... vire e mexe está trocando... né?”

- b) Outro fato interessante observado foi a ausência de ocorrência da noção dimensiva no modo narrativo. A nosso ver, isso se explica pelo fato de esta noção estar relacionada a características de substantivos concretos. Portanto, como o modo narrativo não tem a preocupação principal em caracterizar seres e objetos, é coerente a ausência desta noção neste modo discursivo. Notamos, porém, que no modo descritivo há um número grande de ocorrências dessa noção, o que pode corroborar as características típicas da descrição, conforme explicitadas neste trabalho. Em outras palavras, quem descreve pode valer-se das características dimensionais daquilo que é descrito.

“tem um banheiro no quarto... tem duas janelas... é janela de ferro... com... móvel de vidro... daquele vidro de::/ tem cortina... tem... tem um *visorzinho* do outro lado... só isso mesmo... não tem mais nada..”

- c) Em relação à noção pejorativa o *corpus* não apresentou nenhuma ocorrência, porém, a nosso ver, isso não descarta a possibilidade de que essa noção também seja produtiva nos Modos de Organização do Discurso apresentado, o que poderia ser observável, caso o *corpus* fosse aumentado.
- d) Em relação às classes de palavras (Tabela 3), observamos que a base substantiva é mais produtiva no modo descritivo. Este dado pode ser cruzado com as ocorrências da noção dimensiva no mesmo modo, conforme o item anterior, sugerindo uma ligação entre a noção dimensiva e substantivos, como podemos ver abaixo:

o chão e de taco aquelas *madeirinhas* cortas em *quadradinhos* pequeninos. Nela tem na janela tem cortinas a cor da cortina marrom com dois puxadores de acrílico... uma bicama com pano quadriculado vermelho e preto. Tem uma *mezinha*...

- e) A classe dos advérbios mostra-se produtiva nos dois modos, mas principalmente no narrativo, sublinhando a noção intensificadora, que na maioria das vezes, está atrelada a este tipo de base. Esse fato é sugerido pelo número de ocorrências dessa noção, conforme discutido em (a) acima e mostrado no exemplo abaixo:

...uma vez eu estava fazendo uma prova... aí:: a professora dividiu todo mundo na sala e tal... separou as mesas... tudo *direitinho*... e eu estava fazendo legal..

- f) A classe dos adjetivos aparece somente no modo descritivo, trazendo no *corpus*, a noção intensificadora, conforme os exemplos: "ele é *branquinho*, tem cortinas escuras, tem televisão, ar condicionado, som...", "..bem *clarinha*, tem bastante plantas, não na varanda ...".

5) Considerações finais

Vimos no início deste trabalho que a formação *x-inho* é classificada como flexão de grau diminutivo em um número de gramáticas descritivas. Entretanto, tendo a consciência de que há muito para se estudar em relação a formação *x-inho* em *corpus* de natureza oral do português do Brasil, e como sugere este trabalho preliminar, podemos resumir os resultados apresentados neste trabalho nos parágrafos abaixo.

O estudo apresentado descreveu padrões relativos à formação *x-inho* através dos Modos de Organização do Discurso (Narrativo e Descritivo) segundo Charaudeau (1992) a partir do exame de *corpora* específicos, utilizando para isto os pressupostos e ferramentas da lingüística baseada em *corpus*, que se denomina Lingüística de *Corpus*.

O estudo detalhado de todas as ocorrências das formações *x-inho* desse *corpora* sugere uma grande probabilidade de que o uso

oral de tais formações tendem a refletir uma noção mais subjetiva, principalmente intensificadora, do que a dimensiva (diminutiva).

A prescrição gramatical muitas vezes limita nosso entendimento sobre certos aspectos da linguagem. O presente trabalho apontou a possibilidade de outra perspectiva na compreensão de um fenômeno da língua.

6) Referências

ADAM, J.M. Types de séquences textuelles élémentaires. *Patiques*. Metz, 56:54-78, dez. 1987.

ALVES, J. M. *Neologismos*. São Paulo: Ática, 1990.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis. Vozes, 1980.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 1999.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

BIBER, G.; CONRAD, S.; REPPEN, R. *Corpus Linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino de português*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1972.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*. Uberlândia, 3(1): 3-10, jun. 1987.
- GONÇALVES, C. A. V. *Focalização no português do Brasil*. 1997. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. Rio de Janeiro: Scipione, 1995.
- KENNEDY, G. *An Introduction to Corpus Linguistics*. Londres: Longman, 1998.
- LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- LOURES, L. H. *Análise contrastiva de recursos morfológicos com função expressiva em francês e português*. 2000. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português*. 9. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p. 19-36.
- MATTOSO CÂMARA JR, J. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

- MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 1987.
- OLIVEIRA, I. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Lucerna: Rio de Janeiro, 2003.
- PIZA, M. *Gênero, número e grau no continuum flexão/derivação em português*. 2001. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, M. P. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. 10. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 1998.
- ROCHA, L. C. *Flexão e derivação no português*. Cadernos de pesquisa NAPq. Belo Horizonte: FALE/UFMG, nº 19. 1994.
- ROSA, M. C. *Formação de nomes aumentativos: estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses*. 1983. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SACCONI, L. A. *Nossa gramática: Teoria*. 11. ed. São Paulo: Atual, 1991.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1989.
- SCOTT, M. *WordSmith tools*, versão 3.0. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

TORREIRA, R. Q. *O parágrafo e o texto*. 1993. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WERLICH, E. *Typologie der Texte. Entwurf eines textlinguistischen Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik*. Heidelberg, 1975.

ZANOTTO, N. *Estruturas morfológicas do português*. Porto Alegre: EDUCS, 1985.

¹ Para mais informações sobre a Lingüística de *Corpus* e seus pressupostos, ver Viana neste volume.

² Expositivo compreende textos com o predomínio de seqüências analíticas ou então explicitamente explicativas. Injuntivo, também chamado instrucional, procedimental, é o modo que explicita as várias etapas da execução de uma tarefa, dispostas em ordem cronológica – “primeiro faça isso, depois faça aquilo” etc.

³ Definição dada por Charaudeau (1992) em análise do discurso: *semio*, de “semiosis”, evocando o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, em um determinado quadro de ação; lingüística para destacar que a matéria principal da forma em questão – a das línguas naturais.

⁴ Definido neste trabalho como uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual.

⁵ É aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva; assim o discurso se realiza no texto.

⁶ Princípio segundo o qual, cada um dos parceiros num ato de linguagem está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro, numa interação que o legitima enquanto tal – o que é uma condição para que o ato de linguagem seja considerado válido. Este princípio é o fundamento do aspecto contratual de todo ato de comunicação.

⁷ O *corpus* do Projeto Discurso & Gramática é de propriedade do Prof. Sebastião Votre, a quem agradeço por ter cedido o mesmo.